

20/5/1984

Baixo salário foi que causou reação de “bóias-frias”

Guariba — Terminada a greve de quatro dias, os cortadores de cana desta cidade, líderes sindicais, políticos da oposição e empresários rurais saíram das negociações de quinta-feira convencidos de que o acordo entre usineiros e fornecedores criou uma situação nova nas relações trabalhistas no campo, com repercussões em todo o Estado de São Paulo. Todas as partes reconheceram que a baixa remuneração do bóia-fria, em relação às dificuldades de seu trabalho, precipitou os conflitos da semana passada.

A posição do Governo e dos usineiros era irrealista em relação à remuneração do trabalhador — disse o empresário e professor universitário Roberto Rodrigues, dono da Fazenda Santa Isabel e diretor da Organização dos Plantadores de Cana de São Paulo (Orplana). A depredação dos três prédios da Companhia de Saneamento Básico do Estado e a agressividade dos piquetes dos bóias-frias surpreendeu até os sindicatos dos trabalhadores rurais de Jaboticabal e Guariba, que não conseguiram controlar a situação.

Quando a greve começou, na terça-feira, dirigentes da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado, políticos locais, dirigentes da Central Única dos Trabalhadores, deputados do PT e sindicalistas de outras regiões tentaram controlar o movimento, que seguia sem liderança.

Um dos negociadores do acordo com os usineiros, o Vereador do PMDB de Ribeirão Preto Leopoldo Paulino, advogado sindical da Fetaesp, reconheceu, porém, que a situação em Guariba terá que permanecer sob a liderança de fora da cidade, já que o sindicato local tem dificuldades para controlar a situação.

Há 10 mil cortadores de cana em Guariba e 60 mil na região de Ribeirão Preto (cerca de 20 municípios), número que sobe para até 120 mil no início da safra. Em Guariba, o dia-a-dia do bóia-fria começa pouco antes das 5h, quando os caminhões passam nos bairros onde moram para levá-los ao canavial. A figura do gato — agenciador autônomo de mão-de-obra rural que, em geral, não registra o empregado — é pouco comum em Guariba, embora o Prefeito da cidade Evandro Vitorino (PMDB) tenha sido um deles. Largou a atividade há cerca de 40 anos para se dedicar à política.

Na região de Guariba, os bóias-frias são recrutados, em geral, por funcionários das usinas, muitos deles ex-cortadores de cana. Esses funcionários são donos de caminhão e recebem por viagem de Cr\$ 20 mil a Cr\$ 24 mil, sejam quais forem o percurso e as despesas, com combustível. Mas, como empregados da usina, recebem também cerca de Cr\$ 10 mil por dia para fiscalizar o serviço e controlar a produção.

A viagem para o bóia-fria começa às 6h e termina às 18 ou 18h30min com o retorno ao seu bairro. No canavial, a jornada começa entre 7h e 7h30min, e termina às 17h. Até o acordo da semana passada, cada bóia-fria tinha que levar suas ferramentas: o facão (cerca de Cr\$ 4 mil a Cr\$ 5 mil), a lima para afiá-lo (Cr\$ 2 mil 500) ou a enxada (Cr\$ 4 mil). No galo — a mochila — leva também a marmita e a garrafa de café. Leva ainda um tambor de água e eventualmente, luvas e tornozeleiras, para evitar cortes. Cortadores de cana do Bairro Alto — onde se concentram em Guariba — queixam-se de que o fornecimento de luvas só era garantido pela Usina São Martinho, entre as quatro da região (que inclui a Bonfim, Santa Adélia e São Carlos).

No canavial, o trabalho é precedido por um pequeno lanche em que os cortadores comem um pouco da comida da marmita. Trabalham das 7h30min até as 10h, quando almoçam (uma hora

de intervalo). Às 14h tomam café e às 17h termina a jornada. A produtividade varia, de acordo com a destreza do cortador, sua força e com o sistema de corte, se de sete ruas ou cinco ruas.

O fiscal de canavial Claudemir José Gabirati disse, na semana passada, que o cortador produz, com cinco ruas, de seis a 10 toneladas por dia, mas alguns chegam a 15 toneladas ou mais. A adoção do sistema de sete ruas, no ano passado, provocou a insatisfação, que explodiu na terça-feira, pois diminuiu a produtividade individual (máximo de cinco toneladas por dia).

O sistema de sete ruas significa que o bóia-fria deve cortar uma área de largura equivalente a sete fileiras de cana e de comprimento equivalente ao tamanho do talhão (uma das seções do canavial). Assim, à medida que avança ao longo do talhão, o cortador tem que se mover, à esquerda e direita, para alcançar as bordas das sete ruas, ao contrário do sistema de cinco ruas, em que as bordas são atingidas pelo facão sem muito esforço.

As sete ruas, portanto, cansam mais o cortador, e diminuem sua produtividade em até 50%. Para a Usina, há a vantagem da economia de até 40% de combustível com os tratores e caminhões que recolhem a cana cortada. Com sete ruas há menos eitos, isto é, fileiras de cana cortada por talhão, e menos viagens dos caminhões ao longo do canavial. Para cortar a cana, o trabalhador é registrado, no início da safra, em maio, e demitido no final. Depois, novo contrato é feito para o trabalho de preparação da terra e replantação da cana para nova safra. Em outros casos, o trabalhador opta por outras das culturas da região, como algodão ou laranja, para voltar a cortar cana na safra seguinte.

A oferta de emprego, na época da safra, atrai trabalhadores de outras regiões, e até da indústria automobilística. Há uma semana, o ex-preparador de máquinas Miguel José da Silva, de 24 anos, metalúrgico da Volkswagen até fevereiro, quando foi demitido, começou a trabalhar no canavial da Usina São Carlos. Seu sonho é voltar para o ABC: "Aqui, melhor não está. Mas fazer o quê?"

Apenas na região de Guariba, há 140 mil hectares de cana plantada, nas quatro grandes usinas, e mais 45 mil hectares de fornecedores. A produção da região, no ano passado, foi de 10 milhões 500 mil toneladas de cana. Este ano, a previsão de faturamento é de Cr\$ 120 bilhões e Cr\$ 150 milhões, segundo o agrônomo Sílvio Borsali Filho, da Associação dos Fornecedores de Cana de Guariba .

ALEXANDRE POLESI

(Página 18)